

O AVESSE DA PELE: ATRAVESSAMENTOS DO RACISMO

Ivaldinete de Araújo Delmiro Gêmes¹
Paulo Roberto Sales Neto²
Rosângela Moreira Bôto³

Resumo:

Esse trabalho foi realizado na E.E.E.P. Francisco das Chagas Vasconcelos, em Santana do Acaraú/CE, no ano de 2022. Teve por objetivo discutir a pauta racial através da obra “O avesso da pele”. Fizemos uso das experiências de racismo vividas pelos personagens para identificar e problematizar práticas racistas. Os encontros aconteciam semanalmente, na biblioteca, no intervalo do almoço. O grupo fazia a leitura prévia a ser discutida. O livro era retomado e as percepções e vivências dos alunos, partilhadas. Diante das exposições, os conceitos eram introduzidos. A leitura nos possibilitou utilizarmos conceitos e teorias relacionados à temática para pensar o referido fenômeno social e desenvolver intervenções. Percebemos a afetação dos conceitos e teorias, sobretudo no que tange à compreensão do grupo acerca dos privilégios das pessoas reconhecidamente brancas, e de como elas têm produzido violências que se aprofundam quando somadas ao gênero e à classe social.

Palavras-chave: Racismo, escola, aprendizagem.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

O debate sobre as questões raciais na escola básica vem há mais de duas décadas no cerne das políticas públicas de inclusão e afirmação das diferenças, tendo como um dos resultados a lei 10.639/2003 que versa sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Assim sendo, compreendendo sua importância, e mais, a urgência da construção de uma escola antirracista (RIBEIRO. 2019) em suas vivências cotidianas buscamos utilizar produções literárias de autores negros objetivando, dentre outros fins, reconstruir e fortalecer pensamentos e atitudes capazes de reconhecer a pluralidade que transita na escola e na vida social e, para além disto, perceber nos silêncios das múltiplas interações sociais os privilégios históricos que garantem às pessoas brancas vantagens sociais, econômicas, políticas etc (BENTO. 2022). Escolhemos o livro “o avesso da pele” por trazer as tramas da vida familiar de um jovem negro que são, desde o seu início, atravessadas pelo racismo que fundamenta e sustenta a estrutura social em que está inserido. No decorrer dos

¹ Orientadora. Professora Dr^a do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA e Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - PROFSOCIO. E-mail: ivaldinetedelmiro@gmail.com

² Estudante do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - PROFSOCIO e professor da E.E.E.P. Francisco das Chagas Vasconcelos.. E-mail: pauloroberto.historia.ce@gmail.com

³ Professora de Sociologia na E.E.E.P. Francisco das Chagas Vasconcelos, Santana do Acaraú/CE. Branca, feminino, residente em Sobral/CE. E-mail: rosangelabotto@gmail.com



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

posicionamentos dos estudantes ante às questões trazidas pela leitura, ficou evidente a pouca ou nenhuma clareza acerca do racismo e de suas implicações, bem como, a existência de uma confusão sobre a visão que tinham de sua cor e como, a depender disto, suas vidas seriam impactadas. Para embasar algumas dessas reflexões buscamos suporte teórico nos estudos de Djamila Ribeiro, pois a autora, de forma clara e delicada, escancara a importância de reconhecermos a força que os discursos embranquecidos tiveram na elaboração de contextos historicamente desiguais, violentos e injustos assolando pessoas pretas. Nos apropriamos também do conceito de “Pacto Narcísico”, que busca compreender como a negação aos negros acontece no cotidiano e “implica na negação, no evitamento do problema com vistas a manutenção de privilégios raciais, criando a falsa ideia da democracia racial do Brasil e assim, negando a existência de privilégios para alguns e exclusão a outros.(BENTO, 2002, p. 25). Esse mito tem sido utilizado para negar o racismo estrutural, por exemplo, desnaturalizar sua existência e dificultar seu combate. Todo brasileiro parece se sentir, portanto, como uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados. (SCHWARCZ, 1998, p.08). A estratégia de unir a literatura à Sociologia permitiu aos estudantes observarem também como o racismo marca de formas diferentes a vida de mulheres e homens, trazendo à luz problemas de gênero, e como a situação de classe que se desenhou na história dos personagens também constitui o emaranhado da vida social que as práticas racistas geram. Como resultado final deste trabalho o grupo de alunos organizou um evento na escola no dia 20 de Novembro para discutir a temática objeto deste projeto. Além disso, pretendemos produzir materiais que possam ser utilizados durante as aulas de formação para a cidadania.

MATERIAL E MÉTODOS

Apresentamos o livro e o projeto nas séries de 1º e 2º anos, fizemos as inscrições dos estudantes interessados. Apresentamos o livro/autor, a estrutura do projeto e os estudantes puderam fazer sugestões. Os encontros aconteciam semanalmente, por 10 meses, entre 12h–12:40h na biblioteca. O grupo fazia a leitura prévia do capítulo a ser discutido. O livro era retomado e as percepções e vivências dos alunos, partilhadas. Diante das exposições, os conceitos eram introduzidos. Os materiais utilizados foram a reprodução do livro, distribuição de cartolinas e revistas para a produção de cartazes ilustrativos, poesias e desenhos, que foram expostos por ocasião da celebração da semana de comemoração do dia da Consciência Negra. Foi aplicado um questionário com toda a escola usando o GOOGLE FORMULÁRIO, obtivemos 101 respostas, onde foi possível conhecer melhor os estudantes, professores e núcleo gestor em relação a autodeclaração de cor de pele, se reconheciam práticas racistas na escola etc., o que nos permitiu problematizar o racismo e nosso lugar nesta dinâmica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudantes foram envolvidos em quase todas as etapas do projeto, propiciando maior assiduidade e compromisso com as atividades propostas. O grupo produziu uma exposição dos trabalhos realizados durante os encontros que consistiu de fotografias autorais sobre o cotidiano da comunidade em que vivem, construiu painéis ilustrativos com recortes de revistas em cartolinas, escreveu poesias e criou desenhos para posterior exposição na escola. No evento da Consciência Negra, os estudantes organizaram uma roda de conversa no auditório para apresentar a obra a partir das perspectivas sociológicas, mantendo a

sensibilidade que a narrativa traz. Assim, percebemos a afetação dos conceitos e teorias, sobretudo no que tange à compreensão do grupo acerca dos privilégios das pessoas reconhecidamente brancas, e de como eles têm produzido violências que se aprofundam quando somadas ao gênero e à classe social. Ademais, sentimos a necessidade de ampliar a discussão com todo o corpo escolar na segunda fase do projeto a fim de que se investigue, dentre outras questões, as tensões situadas no interior das relações sociais e a produção de disparidades nas oportunidades de aprendizagem, de expressão e ação daqueles que transitam na escola e assim agir pedagogicamente em direção da inclusão e do respeito à diversidade e à diferença para a construção de uma escola mais equânime possibilitando a transformação da realidade e meios mais justos de mobilidade social e econômica.



Foto 1 – encontro semanal na biblioteca da escola.



Foto 2 – Exposição de fotografias autorais no pátio da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS ou CONCLUSÃO

Ao final do ano letivo/2022 foi possível perceber o envolvimento dos estudantes na realização do evento no Dia da Consciência Negra, onde foram apresentadas as experiências e atividades desenvolvidas. Nesse evento foi nítido, na fala de vários estudantes, que a percepção de mundo não era a mesma do início do ano, demonstrando que o “lugar de fala” (Ribeiro;2017) é importante para pensar que quando os estudantes têm “consciência da prevalência branca nos espaços de poder permite que as pessoas se responsabilizem e tomem atitudes para combater e transformar o perverso sistema racial que estrutura a sociedade brasileira.” Além das nossas percepções de que houve transformação nos estudantes envolvidos, nós ouvimos a comunidade escolar sobre novas ações que podem ser realizadas posteriormente na escola para aprofundar os debates e conhecimentos nesta temática. Deixamos papel e caneta em um local de fácil visualização, e ao lado uma plaquinha com o convite para deixar uma ideia, sugestão ou comentário.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO e a Escola Estadual de Educação Profissional Francisco das Chagas Vasconcelos, município de Santana do Acaraú/CE.



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

REFERÊNCIAS

BENTO, M. Aparecida. S. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.** São Paulo: 2002.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica.** 5. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade.** In: SCHWARCZ, L. M. (org.) História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia das Letras, 1998, vol. 4.

Tenório, Jeferson. **O avesso da pele.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.